



**Diálogos**  
Lápis sobre papel linho

## O Sete: saga da Menina Maior

Daqui meu olhar se desponta, escadaria abaixo, até a massa enorme de tons azulados que se move, após a faixa de areia clara; ora se aproxima, ora se afasta e me leva a lonjuras que, em outros tempos, eu sequer podia imaginar. Entre imaginação e concreta ação, fixo meu olhar no verdor arbóreo que avança morro afora, mar a dentro. Pese o esforço para me concentrar no aqui e agora, meu corpo, hoje, está se dissipando feito a chuva fina e insistente que cai nesta enseada, neste mar, nestes morros, revestidos de névoa, morada de deusas. O corpo assim liquefato, confunde-se com a alma, torna-se etéreo, feito de concreto, ferros, areia, mar e morro, os absolve inteiramente, mas não se confunde com nenhum.

Levanto-me, precipitadamente vou em direção à cozinha, preciso preparar o cardápio para que a empregada faça o almoço. A sala

espelhada reflete um corpo longilíneo, de tez morena, antes, mais clara, agora. Nas dobras acetinadas da camisola, sinto o afago daquelas mãos pequenas, ternas e calosas, mãos que moveram e desnudaram entre afagos e desejos, meus mais íntimos segredos. Corpo encendido, são minhas mãos que enlevadas pelas lembranças me tocam como se aquelas outras, fossem. “Patroa, está pronto o café”. Olhos pequenos, curiosos, pícaros me surpreenderam. “Irei em breve”, respondi com voz trêmula, criança surpreendida pelo olhar acusatório do mundo. Dona Preta, certamente teria atirado a primeira Pedra na prostituta Madalena, houvesse estado entre os que foram instados por Jesus. Dona Preta, quanta falta me faz aquela que antes cuidava do Coração desta casa fria, a que preparava a comida antes da Senhora, depositava nos alimentos algo de magia que alimentava o corpo e ecoava na alma, quanta diferença!

Nos momentos em que burilo minhas mais remotas recordações, encontro clarões difusos, lampejos efêmeros de diamante rolando por águas correntes, encontro um rosto adornado por grandes olhos claros, estrelas rebrilhando nas noites em que faltavam luz na vila. Olhos que luciam antecipando um riso enternecedor, olhos que ainda hoje me acolhem nestas noites solitárias e chuvosas de Ubatuba, Ubachuva. Olhos de Altemar, aquele que para mim tornou-se Pai. Aquele outro o que me engendrou, por mais que me esforce não o encontro em minhas recordações. Por vezes, esforço-me à exaustão, tudo o que encontro é uma escuridão que oprime o peito e se dissolve por meio de copiosas lágrimas que rolam por este rosto roto. Assustada me refúgio no olhar, no sorriso, no abraço de Altemar.

No ocaso, aquela tarde quase noite, em que mataram ao Altemar, sangraram-no feito touro a la espanhola; senti o temor da morte, perdida entre uma multidão de calças e vestidos, eu estava só, tão sozinha, numa travessia transcendente, eu era toda a tristeza que possa algum dia vir a existir. Num desespero que fez emergir um manancial em meu peito e jorrar uma cascata em meus olhos, corri, tropecei, caí, fui empurrada, miraculosamente mirei no epicentro de um terremoto e divisei um animal consumido pela dor, protegendo a própria cria, era minha mãe, desvairada pela dor amparando o Altemar; do peito dele, em contraposição às águas límpidas que emanavam do fundo de meu ser, nascia uma intermitente cachoeira rubra.

Sob o jugo de uma faca ensanguentada, em um ocaso, que sempre vem ao caso, fiquei órfão de pai por toda a vida; de mãe, por anos.

Uma menina lançada à arena da Vila, eu nem bem debutara na segunda infância e percebi que teria de cuidar de mim e proteger minha irmã menor. O mundo pode ser um lugar tenebroso, infinitamente lúgubre, principalmente se fores mulher, menina, pobre, órfão em uma Vila enluarada nos confins do mato, Mato Grosso.

Por sete longos anos, os quais retumbam até hoje no mar de minha existência, minha mãe habitou um lugar inacessível; atenta persigui, durante aquele tempo infinito, de tardes empoeiradas ou manhãs lamacentas, um porta, uma janela, uma fresta para ingressar lá e, dali voltar trazendo pelas mãos minha mãe de volta. Não posso mensurar quantas noites despertei no meio da noite. Naquele quarto parcamente iluminado por uma pequena lamparina, reacendendo a querosene, eu buscava, com os olhos encharcados de sono, a figura longilínea, esquelética, fosforescente de minha mãe; eu a encontrava sempre em transe, entre palavras, choro e conspícuos gemidos, mal podia ouvir com o mínimo de exatidão: Altemar. Secretamente, comecei a odiar meu pai, não o vivo que inscreveu em mim o amor. Mas, aquele ensanguentado cadáver que levava minha mãe a habitar junto de si em um outro mundo, para o qual eu não encontrava um caminho.

Quiçá resida nesta orfandade, que, por vezes, se aninha dentro de mim, acontecimentos como aquele daquela tarde longínqua. O aroma que exalava daquele corpo suado, depois de um dia inteiro na faina; fazer faxina é exaustivo, mas ela me sorria com os olhos. Deus! Aquele cheiro! Tarde distante que, não obstante, em manhãs melancólicas como esta vem voltando, voltando, voltando... des-



### Giseli Gomes Dalla-Nora

39, nascida em Jaciara/MT, criada em Campo Verde/MT. Tornou-se cuiabana ao vir estudar Geografia na Universidade Federal de Mato Grosso onde hoje também é professora. Pesquisadora das questões ambientais e de comunidades tradicionais. Líder do GECA - Grupo de Pesquisa em Geografia Agrária e Conservação da Biodiversidade e uma apaixonada pelas histórias e estórias contadas.

[giseli.nora@gmail.com](mailto:giseli.nora@gmail.com)



### Edson Gomes Evangelista Dalla-Nora

45, nascido em Jaciara/MT, forjado em Planalto da Serra/MT, montanhas, rio abaixo. Professor de Linguagem atua em Língua portuguesa e espanhola no Instituto Federal de Mato Grosso - IFMT. Um contador de estórias, encantado por gentes, habitado inteiramente por mundos erigidos na e pela linguagem.

[evangelista13corintios@gmail.com](mailto:evangelista13corintios@gmail.com)

de um breve relampejar da memória até se reconfigurar inteiramente em mim. Primeiro se enuncia por meio de um leve tremor das pálpebras; depois, retumba no músculo cardíaco, tremulando-o inicialmente, leva-o célere a acelerar, intumescido músculo interno que se faz sentir na epiderme arrepiada, na garganta apertada, nos mamilos feitos faróis altos em noites sem lua; na vulva, pulsante clitoris, liquefazendo-se... inundando-a, de resto me arrasta para este mar, nesta onda feito afago, afogo-me. Afobada, recobro o tempo presente, com os olhos arregalados perscruto o entorno, uma mescla de medo e vergonha. Deus meu! Imagine se Dona Preta me flagrasse neste transe. Precipito-me, adentro o quarto, o banheiro, concentrada me visto e saio uma agenda de compromissos sociais. Molestos compromissos sob a incumbência das mulheres de bem, fina flor da sociedade ubatubense.

Nesta cidade, atravessei diferentes estamentos, grupos sociais, inicialmente, juntamente com o Agenor, meu marido, prestamos serviços que iam desde a construção até a reforma, passando pela limpeza e manutenção de imóveis residenciais e casas de veraneio. Tempos dinâmicos em que regíamos concomitantemente, ambas as empresas: a de construção civil e a de gerenciamento e limpeza doméstica. Éramos jovens, destemidos, apaixonados, sobretudo. Entre um telefonema, uma ordem, um reordenamento, uma visita técnica... sempre havia uma brecha de tempo para olhares, toques, carícias que concretavam o amor entre meu marido e eu. Mas, o amor requer manutenção, o cultivo cotidiano, disso, não sabíamos ou esquecemo-nos nos arroubos da juventude.

Da Vila empoeirada nos confins do Mato Grosso aos cumes chuvosos de Ubatuba, leva-se uma vida, inteirinha. Ubatuba, termo que povoa a epigênese de minha infância, ecoa no tempo, de volta ao passado, até as primeiras lições escolarizadas que aprendi do Altemar,

apontou-me no mapa e me ajudou a escrever o nome da cidade onde nascera, prometendo um dia dar-me a conhecê-la. “Naquele lugar os céus e o mar se encontram, por meio das nuvens, mensageiras de Deus! Precisas ver, não há palavras certas para descrever o lugar no qual o Criador fez morada.” Altemar foi morto, mas o sonho que plantou em minha imaginação, este não morreu, nunca.

Intensas lembranças, feito chagas, cicatrizes que, às vezes, sangram, marcam aquilo que estou sendo, estas últimas nada têm que ver com as recordações afáveis de Altemar, aquelas são o oposto, bálsamo que as feridas transformam em tatuagens. Dentre as chagas que seguem sagrando corpo adentro, tempo afora, consta aquela do dia em que vi o Jairo

violando minha mãe. Não sei que razões desarrazoadas me levaram a retornar ao armazém naquele fim de tarde, havia algo que se movia aqui dentro de mim, deixei minha irmã sozinha por alguns instantes e regresssei pela porta dos fundos, pisava na ponta dos pés, sopesava a respiração.

Com o rosto presado contra o balcão, minha mãe, olhos fechados, gemia e chorava, enquanto era sodomizada por ele. Jairo grunhia e xingava, o rosto contorcido,

olhar feroz voltado em direção à valise preta. Abri a portinhola devagar, devagarinho... o rangido das dobradiças empedernidas certamente chamaram a atenção do algoz mais que da vítima. Da posição onde estava, Jairo limitou-se a olhar, sem interromper o ato, uma fagulha malévola incendiou-se naqueles odiosos olhos, atingiu-me com um projétil fatídico, tiro no peito. O coração passou a pulsar na garganta, não cabia na caixa torácica, minhas pernas desfizeram-se feito gelatina exposta ao calor cuiabano, eu já não podia me mover. Segundos, nos quais caberiam todas as vidas deste Planeta, me plantaram no pórtico. Tal qual um demônio saído de gravuras medievais, Jairo brutalizou-se, olhos faiscantes caíam sobre mim com o peso de duas toneladas. Minha mãe mal continha os gemidos, por vezes, escapavam feito gritos engolidos, a

**O coração passou a pulsar na garganta, não cabia na caixa torácica, minhas pernas desfizeram-se feito gelatina exposta ao calor cuiabano, eu já não podia me mover.**

fórceps, se transformavam em sons guturais rasgando a garganta. Lágrimas pigavam no piso.

De volta ao tempo presente, perscruto no olhar destas elegantes senhoras “fina flor da sociedade ubatubense”. Que interditas, ocultas histórias se escondem sob vestidos elegantes e joias caras? Que temores, tremores, suores noturnos, soturnos são ocultados por estes sorrisos performáticos e perfumes importados? Quantos gemidos, quantos gritos foram silenciados para que pudéssemos ostentar o título de dama, a marca da civilidade que ora nos distingue de outras tão distintas, igualmente mulheres como nós: balconistas, camareiras, diaristas, faxineiras, cozinheiras, prostitutas?

Devaneios destas ilustres senhora, sei pouco; às vezes, tenho a sensação de que nestes elevados estamentos sociais é impossível encetar uma relação pessoal, uma autêntica relação entre humanos. Aqui tudo é sobrepujado pela etiqueta, necessita mais parença que essência. Na Vila também era assim, o Agiota, violador de mulheres e explorador de mão de obra infantil, enunciava-se elegantemente, participava do ciclo dos “Homens Bons” daquele lugarejo, ombreava, em termos de prestígio social com o padre, o pastor, o fazendeiro. Jairo, o Agiota, aquele mesmo que desde aquele ocaso que celeremente se fez noite e lançou sombras em meu ser, nunca mais, ao menos enquanto esteve vivo, tirou aqueles olhos vorazes de cima de mim. Minha mãe me protegeu às expensas da própria dignidade, submeteu-se àquele diabo travestido de Homem Bom que, a despeito do sacrifício de minha mãezinha, farejava-me, espreitava-me, seguia minhas pegadas, por mais discretas que fossem, feito cão no enalço de uma presa, prestes a me acossar sempre e quando factível.

A vida, no entanto, às vezes, reveste-se de ironia desconcertante. Depois de Altemar, Jairo, o Agiota, foi a segunda pessoa a exercer maior influência sobre minha decisão de vir viver nesta Terra que, desde tempos imemoriais, fora porto seguro para canoas ameríndias, Ubatuba. A primeira ensinou-me que o mundo é grande, muito maior que a Vila; deu asas a meu sonho; a segunda, por ocasião da boda, permitiu-me, para estupefação de todos, a começar por ela mesma, pavimentar

este sonho, quando doou para mim e Agenor, uma soma, à época, impensável em dinheiro vivo, presumivelmente, de muitas mortes advindo. Presente de casamento que me facultou projetar em segredo com meu marido, nossa súbita partida. Fuga de toda a dor que aquele lugarejo evocava, fuga dos olhos de rapina de Jairo. Mal sabia eu que os lugares que habitamos nos habitam pelo lado de dentro. Retornei à Vila uma única vez, quando conclamada para o velório de Jairo. Toleima daquela gente acreditar que foi aquela breve visita prova de afeto, antes, foi certificação de óbito, fui para ter certeza de que os olhos que nas noites chuvosas seguiam me caçando a quilômetros de distância, se havia fechado para sempre e que, em poucos dias seriam eles próprios contumazes devoradores, devorados por vermes embaixo da terra.

Os primeiros tempos em Ubatuba foram fabulosos, fizemos, Agenor e eu, escolhas acertadas, em uma década, tornamo-nos pessoas ilustres na sociedade. Jovens, ricos, simpáticos, sentimos que eramos invencíveis. Besteira das maiores querer imitar estes deuses e deusas que habitam estas montanhas que ornaram esta cidade, somente a elas se pode adjectivar de invencíveis. Como não somos deusa e deus, caímos na trampa. A consequência imediata foi erigir uma disputa entre o casal, parceiros na guerra e no amor, conhecíamos armas e táticas um do outro, anulávamos mutuamente. Construtor competente, empresário eficaz, não tardou muito para que Agenor erguesse entre nós paredes sólidas. Fingi não perceber, quando almejei a tomar as contramedidas, estávamos irremediavelmente afastados. Compartilho desde aquele tempo com minha mãe a dor da viuvez, não obstante, sou viúva de marido vivo. Moderna Helena de Tróia, habito esta casa, luxuosa casa entre o monte e o mar, um dia sim e outro também, insto-me a eleger qual morte mais afortunada: despencar do despenhadeiro ou afogar o mar inteiro em mim, tragando gota a gota esta cortina azul que se alastra até os confins de minha visão. Eis o dilema: flutuar no ar, feito pássaro sem asas ou dissolver-me no mar, feito os encantados da Vila. Por enquanto, ainda não decidi, somente por enquanto continuo assistindo a fina flor da sociedade.

Campus Bela Vista, 13 de outubro de 2022.